



Perspectivas sobre o Turismo de Base Local na Comunidade Quilombola Negros do Riacho

*Perspectives on Locally Based Tourism in the Quilombola Community.
Negros do Riacho*

Mayara Ferreira de Farias¹

Viviane Costa Fonseca de Almeida Medeiros²

Almir Felix Batista de Oliveira³

Lissa Valéria Fernandes Ferreira⁴

RESUMO: O estudo em tela buscou compreender sobre o desenvolvimento do Turismo de Base Local no contexto da Comunidade Quilombola Negros do Riacho, localizada em Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil. Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa, caráter exploratório

¹Doutorado, Mestrado e Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Licenciatura em Letras/Espanhol pelo Instituto Federal Rio Grande do Norte (IFRN). Licenciatura em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Pesca (ISEP). E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com

²Doutorado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestrado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Instituto Federal Rio Grande do Norte IFRN). E-mail: liramedeiros@yahoo.com.br

³Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (USP). Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharelado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: almirfbo@yahoo.com.br

⁴Doutorado em Administração de Empresas pela Universidade de Barcelona. Mestrado em Comunicação e Estratégia Política pela Universidade Autônoma de Barcelona. Bacharelado em Administração pela Universidade Potiguar. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) atuando no Programa de Pós-Graduação em Turismo. E-mail: lissaferrreira.iadb@yahoo.es

e descritivo. Como principais resultados, pode-se afirmar que a produção da louça de barro precisa constituir como item de relevância e valorização artística, cultural, social e histórica, sendo necessário procurar agregar valor ao trabalho desenvolvido por estes artesãos e moradores, bem como foi possível compreender a necessidade de que seja iniciado um processo de inventariação para um possível tombamento do patrimônio produzido. Por fim, evidenciou-se que a produção da louça de barro pode ser considerada a maior representatividade do patrimônio material e imaterial dos Negros do Riacho - o primeiro diz respeito à cada peça produzida pelos artesãos da referida comunidade e, a segunda, refere-se ao patrimônio imaterial, diretamente relacionado com a arte do saber-fazer das louças de barro, sendo elas consideradas como o produto mais representativo da referida comunidade.

Palavras-chave: Turismo de Base Local; Patrimônio Cultural; Comunidade Quilombola.

ABSTRACT:

The present study sought to understand the development of Locally Based Tourism in the context of the Quilombola Negros do Riacho Community, located in Currais Novos, in the State of Rio Grande do Norte, Brazil. It was a study with a qualitative approach and exploratory and descriptive character. As main the results, the production of earthenware needs to constitute an item of relevance and artistic, cultural, social and historical value, being necessary to add value to the work developed by these artisans and residents, as well as it was possible to understand the need to start an inventory process for a possible tipping of the heritage produced. Finally, it was evidenced that the production of earthenware can be considered the greatest representation of the material and immaterial heritage of the Negros do Riacho, the first one is related to each piece produced by the artisans of that community and, the second on, refers to the intangible heritage, directly related to the art of the know-how of this activity, being considered as the most representative product of the referred community and have representation on the local tourist activity.

Keywords: Locally Based Tourism; Cultural heritage; Quilombola Community.

1 INTRODUÇÃO: UM CONVITE AO TEMA

O turismo pode ser considerado uma atividade cultural, política econômica e, fundamentalmente, social (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015). Outrossim, o turismo permite a ampliação da cultura geral dos visitantes, bem como a troca de informações e experiências entre os visitados e os visitantes (FARIAS, 2022; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A).

Por conseguinte, pode-se conjecturar que, na mesma proporção em que são criados os postos de trabalhos, outras centenas são exauridos pela tecnologia, bem como pela inabilidade e baixa escolaridade dos seus trabalhadores, fato que possibilita aludir que os números de empregos gerados pela atividade turística não se revelam como razão que leve a considerá-la como panaceia para os problemas sociais que, ao longo dos tempos, vêm assolando os países de economia periférica, pois estes problemas vão além do desemprego massificado e a falta de renda para a população de uma maneira em geral (FARIAS, 2022; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A).

Andrade (1997, p. 38) afirma que o turismo pode ser entendido como um “[...] complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento”. Diante disso, vale afirmar que as pessoas viajam proporcionando motivações para o crescimento e desenvolvimento da atividade (FARIAS, 2022).

As viagens ocorrem, neste contexto, devido a diversas motivações, sejam elas de negócios, de saúde, de intercâmbios culturais, de eventos e de lazer. Neste contexto, o turismo pode ser considerado um sistema, em que os vários serviços disponíveis aos turistas precisam funcionar juntos - como os órgãos de um corpo, para que, assim, o turista seja bem recebido e saia satisfeito ao final da viagem (FARIAS, 2022; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A; FARIAS *et al.*, 2018B; FARIAS *et al.*, 2018C).

Na tentativa de compreender quais os motivos levariam os turistas a vivenciar novas experiências culturais, em comunidades locais, foi realizado um diagnóstico, na Comunidade Quilombola Negros do Riacho, inserida na cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil, que faz parte do Polo Seridó.

Segundo Graburn (1984), com o aumento de viagens e comunicações mundiais, não apenas os povos são vistos diretamente por estrangeiros visitantes, mas também seus artefatos têm penetrado nos lugares mais longínquos do mundo e esses artefatos procuram passar uma imagem das identidades construídas por essas minorias (FARIAS, 2022).

Neste cenário, esta pesquisa teve como foco a apreciação das possibilidades de atração turística na Comunidade Quilombola Negros do Riacho localizado na cidade

de Currais Novos⁵. E pertinente destacar que existe uma gama de aspectos histórico-culturais da referida comunidade, que podem ser explorados pela atividade turística, mas que ainda não houve algum aproveitamento desses bens culturais para fins turísticos de forma efetiva⁶. O que existem são, ainda, visitas pontuais de alunos levados por professores, além da história do local, a qual deve ser lembrada como forma de valorizar, por conseguinte, a história do município onde está localizada (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020).

2 CONCEPÇÕES SOBRE TURISMO CULTURAL

Neste prisma, Beni (2006) destaca que o turismo cultural se refere à afluência de turistas, a núcleos receptores, os quais têm como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representados a partir do patrimônio e do acervo cultural (FARIAS, 2022).

Cardozo (2006), por sua vez, infere que o turismo cultural é aquele relacionado às experiências turísticas, cujo atrativo seja a cultura de uma comunidade que se construiu e se representa fora das culturas centrais ocidentais, independentemente de essa comunidade ser autóctone ou transplantada. O turismo cultural pode ser conceituado, conforme Barretto (2003, p. 19), como sendo “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana”.

Além disso, as representações culturais dos grupos étnicos que exerceriam poder de atração de turistas seriam aquelas que mais fortemente expressariam identidades: arquitetura, artesanato, festividades, gastronomia, vestimenta, dança e música e outras manifestações relacionadas ao dia a dia do grupo e, que possam servir para delimitar sua fronteira étnica, passível de fruição turística (CARDOZO, 2006; FARIAS, 2022).

O turismo cultural sustentável é, por conseguinte, aquele que se usufrui no presente sem que esse consumo reduza a possibilidade de que as próximas gerações façam o mesmo, constituindo-se em uma alternativa para promover melhorias nos aspectos econômicos e sociais dos lugares onde o mesmo seja desenvolvido, promover o patrimônio e as manifestações culturais locais, elevando a autoestima dos habitantes da comunidade e reforçando sua identidade (REIS, 2007; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A; FARIAS *et al.*, 2018B; FARIAS *et al.*, 2018C; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS, 2022).

Nesse plantel de possibilidades, esse fenômeno do turismo cultural tem se refletido também na oferta de um subsegmento de natureza peculiar – de herança

⁵ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁶ Resumo publicado nos Anais do 16º ENTBL (Encontro Nacional de Turismo de Base Local) 2022.

cultural, de legado étnico, de raízes, atraindo a atenção do turismo em vários lugares do mundo (QUEIROZ, 2008).

Assim, é pertinente afirmar que só haverá desenvolvimento, quando se pensar o turismo em uma perspectiva humana, ou seja, o ser humano precisa ser a razão das ações públicas e privadas, e que essas possam contribuir com a melhoria de vida dos sujeitos, proporcionando acesso à saúde, educação, moradia digna, discernimento político, capacidade de dialogar e decidir os caminhos a serem percorridos (SEN, 2000; FARIAS, 2022).

Desta forma, ressalta-se que o desenvolvimento do turismo pode ser viável e constitui a maioria dos objetivos dos planos local, regional e nacional, apesar de seus impactos serem praticamente inevitáveis, o que demonstra a necessidade de empreender planos que considerem o equilíbrio social, cultural e econômico da atividade (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022).

Pode-se afirmar, ainda, que a atividade turística possui relações complexas e que só poderão ser concretizadas se forem levadas em consideração as diversas dimensões da realidade de uma dada região (OLIVEIRA; RICCO, 2013; FARIAS, 2022). Neste cenário, o objetivo geral da pesquisa consistiu em estudar sobre o desenvolvimento do turismo de base local na Comunidade Quilombola Negros do Riacho. Vislumbrou-se, assim, a possibilidade de prática turística na comunidade na zona rural da cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil.

3 TURISMO DE BASE LOCAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O turismo vem, ao longo dos tempos, mostrando-se como um instrumento auxiliador no processo de desenvolvimento regional quando trabalhado sob a perspectiva da sustentabilidade, isto é, quanto aos pilares do planejamento, de tal forma que venha a proporcionar tanto aos turistas quanto aos autóctones de hoje (bem como das gerações futuras) a satisfação de suas necessidades (SAMPAIO; HENRÍQUEZ; MANSUR, 2011; FARIAS, 2022).

O desenvolvimento do turismo sustentável é visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003, p. 24). Porém, será que de fato o turismo alcançará a sustentabilidade em todos os seus segmentos? Será que os turistas de hoje quanto os de outrora terão as suas necessidades e anseios atendidos? Será que os autóctones⁷ terão seus direitos atendidos hoje e no futuro? Ou seja, será que o tripé da sustentabilidade⁸ será alcançado?

⁷ Moradores das comunidades locais.

⁸ Tripé da sustentabilidade são as bases econômicas, sociais e ecológicas.

Segundo Rodrigues (2009), esta sustentabilidade inexistente, visto que, atividade turística tem como principal objeto de consumo deste e a paisagem/espço/território o que gera uma aparente sensação que não há destruição desses lugares, o que gera uma inexistente sustentabilidade.

No entanto, o turismo comunitário vem tentando proporcionar o desenvolvimento das comunidades através de iniciativas que decorrem dos arranjos produtivos locais que trabalham na perspectiva de proporcionar desenvolvimento de forma cooperada e compartilhada (SAMPAIO; HENRÍQUEZ; MANSUR, 2011; FARIAS, 2022) e, desta maneira, tentar ao máximo alcançar sustentabilidade, visto que, através da inserção das comunidades no processo de planejamento, execução e gerenciamento da atividade em questão poderão ser minimizados o vazamento da receita turística e a melhoria da participação da população nos lucros advindos desta atividade (FARIAS, 2022).

O Turismo de Base Local pode ser entendido como toda forma de organização com base na especialidade e na auto-gestão dos recursos pertencentes à comunidade (FARIAS, 2022). Trata-se de práticas solidárias e democráticas de trabalho e na distribuição de forma igualitária das riquezas geradas pelo desenvolvimento da atividade. É um turismo baseado na interação entre a comunidade e o turista, cuja motivação está centrada nas peculiaridades da comunidade, entre elas: os valores, hábitos e tradições locais (RAMOS, 2008; FARIAS, 2022)

Contudo, é relevante ressaltar que os benefícios econômicos provenientes da atividade turística nem sempre são suficientes para proporcionar às comunidades receptoras melhorias na sua condição de vida (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022).

Uma alternativa capaz de proporcionar a possibilidade de desenvolvimento endógeno e inclusão das comunidades receptoras é o turismo comunitário, que surge como uma resposta à lógica dominante da massificação e da elitização do turismo em nível mundial (ZAOUAL, 2009; FARIAS, 2022).

O surgimento desse tipo de turismo remonta à década de 1980, devido à necessidade de diversificação dos destinos turísticos em face à exigência de uma demanda a procura de novas modalidades de turismo, dentre as quais se destacam o turismo cultural e o turismo de natureza. Assim, o mercado turístico passou a pressionar as comunidades residentes em locais com rico patrimônio natural e que possuem manifestações culturais únicas, no sentido de transformá-los em produtos viáveis (FORTUNATO; SILVA, 2017; FARIAS, 2022).

Para que o turismo comunitário se desenvolva de maneira satisfatória, faz-se necessário desenvolvê-lo dentro dos pilares da sustentabilidade, pois da forma que o turismo vem se desenvolvendo, pouco tem contribuído para o processo de inclusão das comunidades locais, o que causa, além disso, perda considerável da identidade cultural destes autóctones (SANSOLO; BURSZTYN, 2009; FARIAS, 2022).

Os impactos gerados pela atividade turística fazem com que muitos a vejam como uma das principais atividades do mundo. Segundo Mowforth e Munt (2003),

como um processo de expansão global do capitalismo ocidental – e, como tal, uma ameaça aos costumes e à economia local. Por conseguinte, têm proliferado as formas de organização e resistência a esta forma de “neocolonialismo”, que invade terras, subestima culturas e ameaça o litoral (FARIAS, 2022).

Muitas comunidades litorâneas brasileiras sofrem com os impactos da atividade turística. Há, ainda, comunidades tradicionais que impedem o avanço deste tipo de turismo predador e organizam em seus territórios políticas alternativas de forma planejada, integrada e organizada, com base no trabalho comunitário e participativo. Deste modo, a comunidade autóctone encontra formas de trabalhar o local, a história, a cultura, o meio natural e os produtos derivados da economia tradicional e local, e transformá-los em atrativos turísticos naturais e culturais (SOUZA-NETO; BARBOSA; MENDES, 2008).

Neste contexto, afirma-se que, em contraponto a um turismo de massas surgem novas formas de gestão da atividade turística que têm como princípios respeitar as capacidades de absorção dos espaços de recepção, em termos naturais, culturais e sociais, promovendo a conservação dos recursos locais, físicos e humanos (OLIVEIRA; RICCO, 2013; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS, 2022).

A partir do envolvimento comunitário, o turismo possui grande potencial de promover o desenvolvimento local de um território específico (FORTUNATO; SILVA, 2017). Tal como enfatiza Tenório (2007), o desenvolvimento local procura reforçar a potencialidade do território mediante ações endógenas, articuladas pelos seus diferentes atores: sociedade civil, poder público e mercado (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022).

O Turismo de Base Local, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento (IRVING, 2009; SOUSA).

Salgado e Santos (2012), por sua vez, afirmam que a rede do turismo amplia em várias regiões do mundo importantes reflexões sobre a condição dos lugares e das pessoas que participam direta ou indiretamente de seu processo constitutivo enquanto atividade socioeconômica e culturalmente geografizada, produtora de novos espaços e novas dinâmicas.

Em meio às contradições de seu processo histórico e geográfico, ora suscita um caráter fetichista, massificante, agressivo e produtor de dependência, ora se evidencia a partir de complexos movimentos que destacam processos socioculturais inovadores, responsáveis e inteligentes anunciados sustentáveis (SANTOS; SALGADO, 2012; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A; FARIAS *et al.*, 2018B; FARIAS *et al.*, 2018C; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS, 2022).

Para Smith (1989), entre as atividades que poderiam estimular esse tipo de turismo, destacam-se: visita a casas e aldeias, espetáculos de dança, cerimônias típicas e ainda aquisição de produtos típicos. Para o referido autor, o turismo cultural

é aquele que inclui o pitoresco ou a cor local, os vestígios de uma vida em processo de extinção que permanece na memória humana. Neste contexto, ressalta-se a relação direta entre o turismo cultural desenvolvido em comunidades quilombolas na medida em que nem todas as comunidades valorizam sua cultura nem possuem o sentimento de pertencimento com seu povo, criando, muitas vezes, apresentações e falas que são elaboradas para agradar e atrair turistas, não refletindo realidades concretas e deixando de ser autênticas em suas peculiaridades.

Nesta perspectiva, é pertinente ressaltar que o mercado turístico e a academia, por sua vez, estudam diversas possibilidades para o turismo. Algumas dessas possibilidades são consideradas pelos especialistas, como seria o caso da cultura e da etnicidade no turismo (CARDOZO, 2006). Etnicidades são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico. A distintividade dessa identidade, para caracterizar um grupo étnico, deve se remeter a noções de origem, história, cultura e, até, de raça (GRÜNEWALD, 2003). A questão da autenticidade é um tema muito discutido no campo do turismo, pois o autêntico desperta crescente desejo e procura por parte dos turistas (FORTUNATO; SILVA, 2017).

Chambers (2000) mostra que o que deve estar para definir o turismo cultural em comunidades tradicionais é o movimento de construir uma etnicidade específica para exibição na arena turística, pois o turista pode ver o que foi visitado como algo pitoresco ou ilustrativo do local sem, necessariamente, acessar os conceitos de etnicidade e cultura (GRÜNEWALD, 2003).

Pode-se inferir, ainda, que as relações interculturais, caracterizada pela ideia de autenticidade, ganha grande relevância na medida em que configuram alternativas econômicas para as comunidades quilombolas visando o fortalecimento da sua identidade. Deste modo, a cultura torna-se um elemento econômico que agrega valor ao desenvolvimento local por meio do turismo (AZEVEDO, 2002; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022). Além disso, devido a essas características intrínsecas, várias comunidades que residem nesses locais, têm no turismo uma alternativa econômica e possibilidade de inserção no mercado, criando produtos autênticos em função de seus atributos únicos (FORTUNATO; SILVA, 2017).

Bahl (2004) coloca que a existência em si do legado étnico não configuraria, ao menos preliminarmente, um atrativo turístico, mas que deve ser tratado como marcas de etnicidade com significação para a comunidade receptora, e indicada como potencial atrativo. Os membros de comunidades étnicas podem se inserir em atividades turísticas, formando, junto com outros membros da comunidade étnica e outros que não o são, comunidades turísticas (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022). Os membros da comunidade étnica envolvidos nesse processo e mais todos aqueles de fora da comunidade, mas que também estão envolvidos nessa promoção do turismo cultural forma toda a comunidade etnoturística. Todas essas esferas são autênticas e legítimas em suas especificidades (GRÜNEWALD, 2003).

O turismo cultural baseado no legado étnico vem se afirmando como uma alternativa frente ao turismo massificado, no qual predomina o consumo desenfreado

das culturas locais. Sob o paradigma da diversidade cultural e da pluriétnicidade, os turistas culturais se apresentam como grupos de consumidores interessados na vivência cultural no âmbito de comunidades remanescentes de etnias específicas, ou naquelas em que predomina a representação do legado cultural herdado ao longo de processos históricos e sociais e reinterpretado no presente sob novas significações (SILVA; CARVALHO, 2010; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS, 2022).

Conforme Brasil (2007, p. 13), o turismo cultural em comunidades tradicionais reflete “a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade dos grupos étnicos”. Para Rodríguez (1997), a dimensão cultural busca nas raízes endógenas, a diversidade e a pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio, dos recursos culturais em respeito aos modelos autóctones. Através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando na tomada de decisões, procura sistemas alternativos de tecnologia e produção.

Além disso, os aspectos que marcam os laços de reconhecimento cultural e pertencimento da comunidade podem ser determinantes para o modelo de desenvolvimento que a comunidade deseja implantar e se corresponderá aos resultados e benefícios que almeja (SILVA; CARVALHO, 2010).

4 DESENHO METODOLÓGICO

A população da pesquisa contemplou autóctones da Comunidade Negros do Riacho que aceitaram colaborar com seus conhecimentos e vivências no ambiente mencionado, de forma a permitir que fossem levantadas as informações históricas e da atual situação de moradia e das relações socioculturais.

A natureza da presente pesquisa possuiu abordagem qualitativa. Dessa forma, esta tipologia de pesquisa, segundo Veal (2011), envolve a coleta de uma quantidade de informações, porém, sobre um pequeno número de pessoas. A informação coletada, geralmente, não é apresentada de forma numérica. Já para Strauss (2008), a pesquisa qualitativa pode se referir à investigação sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, também sobre o funcionamento organizacional e relacionado também a movimentos sociais. O delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, também as formas de controle das variáveis envolvidas (GIL, 2008).

A pesquisa teve enfoque exploratório, que segundo Dencker (1998) busca aprimorar sobre vivências e atores envolvidos no processo de desenvolvimento da atividade turística. Outrossim, Gil (2009) e Dencker (1998) afirmam que tal pesquisa consiste em utilizar material já elaborados por autores. Nesta pesquisa, destaca-se os autores e estudos de: Andrade, 1997; Azevedo, 2002; Bahl, 2004; Barretto, 2003; Barth, 1993; Beni, 2006; Brasil, 2007; Cardozo, 2006; Chambers, 2000; Farias, 2022; Fortunato e Silva, 2017; Graburn, 1984; Grünewald, 2003; Grünewald, 1999a; Grünewald, 1999b; Hannerz, 1992; Irving, 2009; Krippendorf, 2006; Macedo, 2014; Mowforth e Munt, 2003; Oliveira e Ricco, 2013; Queiroz, 2008; Ramos, 2008; Reis,

2007; Rodrigues, 2009; Rodríguez, 1997; Salgado e Santos, 2012; Sampaio, Henríquez e Mansur, 2011; Sansolo e Bursztyn, 2009; Santana-Talavera, 2003; Sen, 2000; Silva e Carvalho, 2010; Smith, 1989; Sousa, Alves e Farias, 2015; Souza-Neto, Barbosa e Mendes, 2008; Tenório, 2007; e, Zaoual, 2009.

Optou-se por utilizar como instrumento de pesquisa um formulário de entrevista oral através de um roteiro elaborado previamente. Além disso, a pesquisa em questão foi baseada na observação direta intensiva, não consistindo em apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se desejava estudar. A observação foi participante, pois consistiu na participação real dos pesquisadores na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada (FIORENTINI; LORENZATO, 2006; GIL, 1989; LAKATOS; MARCONI, 2010). É válido afirmar que foi por meio desses procedimentos metodológicos enfatizados que foram identificadas as opiniões/visões/memórias dos principais sujeitos da pesquisa de forma a determinar os resultados e discussões.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne aos aspectos históricos e de realidade da Comunidade Quilombola Negros do Riacho, sob a ótica dos autóctones e considerando os aspectos do Discurso do Sujeito Coletivo, constatou-se que a Comunidade possui mais de cem anos, perpassando por muitas dificuldades econômicas e sociais. No passado, chegaram a comer xique-xique e casca de fava verde para acabar com a fome (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018A; FARIAS *et al.*, 2018B; FARIAS *et al.*, 2018C; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Segundo relatos dos agentes da pesquisa, em um período de três anos, existe um mandato para quem for eleito para Presidente da Associação Local, criada, por conseguinte, como uma forma/tentativa de organizar as questões gerais da Comunidade, em 2005. Além disso, afirmou-se que, no início de sua formação, os primeiros moradores se apropriaram da terra que atualmente pertence aos Quilombolas que ali vivem, fato comprovado por documentação do INCRA (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020). Tais fatos históricos e legais impactam diretamente no desenvolvimento da atividade turística na comunidade na medida em que reflete, diferentemente da realidade de outras comunidades quilombolas do Rio Grande do Norte, que possuem organização social diante a representatividade e atuação da Associação local dos moradores, bem como possuem posse de terra regulamentada pelo INCRA.

No passado, todas as casas eram de barro, era difícil a obtenção de energia elétrica e, ao que concerne à água, grande era a distância para chegar até um riacho, aproximadamente, 4 km. Neste contexto, surge a construção das cinco primeiras casas de alvenaria, em 2005. Já em relação à energia, fizeram um abaixo-assinado, através da organização da senhora Carmelita, já falecida (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Constatou-se que os moradores da Comunidade em questão mantinham uma relação de dependência da cidade mãe e, com isso, as idas a Currais Novos se restringiam a: resolver problemas cotidianos; ir à feira; busca por uma vaga para matricular seus filhos nas escolas; tentativa de obterem consultas médicas, entre outras atividades (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020).

Entretanto, a Comunidade Negros do Riacho não recebe da “cidade berço” os cuidados necessários para o desenvolvimento da atividade turística, tais como infraestrutura de acesso, melhoria das condições de vida dos moradores, que corresponderiam a: melhoria das casas, da saúde, do acesso à educação, a qualificação profissional, entre outras medidas que poderiam valorizar os sujeitos e o lugar (FARIAS, 2022).

Por meio dos aspectos geográficos da comunidade estudada, é possível observar que a vegetação é rasteira, acinzentada, com pouca plantação e com criação de animais de corte ou leiteiros inexistentes. Para alguns, é considerado um lugar inóspito para a vida. Outrossim, a terra é seca e improdutiva, comprovando que o lugar merece cuidados para com seus moradores, contudo, a seca não é um problema (FARIAS, 2022).

O que ocorre é que, se políticas de convívio com a mesma forem adotados, a vegetação rasteira e acinzentada apenas seria uma característica marcante da caatinga, vegetação única em todo o mundo. Destarte, estas características despertam interesses de pesquisadores, estudiosos e turistas em diversas partir do Brasil e do mundo, para compreender sobre este bioma despertando o desejo de vivenciar esses espaços (FARIAS, 2022).

O que permitiu observar que, no contexto da atividade turística, os que vivem na circunferência dos centros turistificados, não têm participação ativa nos lucros gerados pelo turismo, dentre elas, bons empregos, melhores transportes, acesso a saúde de qualidade entre outros, tendo em vista, que a maior parcela do investimento feito pelos governos e empresários vai para infraestrutura dos corredores onde o turista passa, por exemplo: a urbanização das praias urbanas brasileiras, a melhoria e expansão dos aeroportos dentre outras (FARIAS, 2022).

Sendo assim, a afirmação de Krippendorf (2006) deve ser levada em consideração, na medida em que considera que um lugar só será bom para os turistas e/ou visitantes se antes for bom para os moradores.

Entretanto, isso não quer dizer que os Negros do Riacho não sejam um espaço merecedor de visitas e vivências. Contudo, deve ser pensado pelo conjunto de atores locais: poder público municipal, estadual, sociedade civil organizada e autóctones, como um lugar que desperta interesses turísticos e este pode contribuir com o seu desenvolvimento (FARIAS, 2022).

Um trabalho coletivo de pensar a Comunidade Negros do Riacho é de fundamental importância, não só para que o turismo seja desenvolvido de maneira equilibrada, mas para que fatores de vulnerabilidade social, tais como: obtenção de renda por meio de trabalhos informais, produção de carvão vegetal, trabalhos de diaristas em terras

vizinhas ou através de transferências governamentais, aposentadorias, Programas de Governo, Bolsa Escola e Fome Zero, mendicância e da agricultura de subsistência, sejam zerados ou minimizados (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020).

Do ponto de vista da história e da identidade, a população residente no Riacho passou por um contínuo processo de exclusão social, sobretudo devido à invisibilidade criada através do discurso que priorizou a colonização portuguesa do Seridó como experiência vencedora e modelar para um tipo ideal de seridoense (MACEDO, 2014; FARIAS, 2022).

A partir do turismo, correntes culturais fluem em direção à região, onde entram geram novas formas de interações sociais e, principalmente, de identidades sociais em nível local (GRÜNEWALD, 1999A. GRÜNEWALD, 1999B; FARIAS, 2022).

Além disso, no âmbito desse fluxo transnacional de cultura, observa-se que a organização social do significado é contextual (HANNERZ, 1992; FARIAS, 2022), o que gera, localmente e por parte dos diversos agentes envolvidos, múltiplos olhares para práticas globais (FARIAS, 2022; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Para Barth (1993), a partir de processos entrecruzados, é gerada a vasta cacofonia de vozes, ideias e interpretações discordantes que coexistem numa civilização complexa: um sistema caracteristicamente modelado e desordenado contendo eventos emergentes e mundos discrepantes, em um fluxo gerado por processos identificáveis que são, em parte, capazes de ser modelados (FARIAS, 2022).

Destarte, uma busca por elementos tradicionais no processo de etnicidade não envolve somente uma postura para o passado, mas para o futuro também, uma vez que há uma seleção do que interessa do passado para objetivos futuros e, nesse movimento, tradição torna-se um elemento de uma escolha e deve ser aceito como parte da auto definição de um povo (FARIAS, 2022; FARIAS *et al.*, 2018A; FARIAS *et al.*, 2018B).

Nesta perspectiva, o turismo cultural é, pois, enquadrado como um turismo quase histórico (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022). Graburn (1984) afirma que há uma renovação de tradições arcaicas. Em tais processos, os símbolos de identidade podem ser emprestados, roubados ou mesmo trocados. Grupos podem desejar realçar seu prestígio aos seus próprios olhos ou ao dos outros ao aceitar materiais, símbolos e insígnias de outros grupos como se um poder mágico pudesse passar por imitação (FARIAS, 2022).

De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história (FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS, 2022).

Como potencialidades turísticas a ser desenvolvidas na comunidade estudada, constatou-se, por meio das visitas de campo, observação e fala dos agentes da pesquisa, os seguintes elementos: paisagem de caatinga que atrai olhares de turistas, principalmente os que vêm de outras regiões do País; o Projeto “Mãos no barro” –

desenvolvidos com as crianças da comunidade, com confecção de panelas, jarros, potes que são comercializados a quem interessar; Exposição fotográfica através do “Ponto de Memória”, realizado com crianças e adolescentes da localidade, os quais fotografaram pessoas, artesanato e realidades das vivências do local – mostrando, por exemplo, como era difícil a vida sem água representada por fotos de mulheres com potes d’água na cabeça, e outra mostrando a Caixa d’água que, hoje, a comunidade possui (representando a alegria e vitória que ela representa a todos os moradores); artesanatos vendidos pelas ceramistas em suas próprias casas quando da visitaçãõ de turistas e estudantes; Festividades em comemoraçãõ ao São João (Danças juninas, Forró e vendas de comidas típicas e do artesanato das artesãs locais) e ao Padroeiro São Benedito (Festa e Leilão); apresentaçãõ do grupo escolar das crianças (com músicas que seus pais e avós ensinaram, a exemplo da chamada “Alecrim Dourado”); bares modestos; vendas de sorvetes; artesanato com pinturas, aprendidas através de oficinas em parceria com professor do Instituto Federal Rio Grande do Norte da cidade; mercearias com vendas de alimentos e doces para crianças; plantações de coentro e alfaces em casas de moradores – a vender em casa e na feira da cidade de Currais Novos nas segundas-feiras.

Evidenciou-se que existiam, no ambiente interno, os seguintes pontos fortes: relevância histórica da comunidade quilombola; receptividade e hospitalidade associadas ao bem receber aos turistas; existência de atrativos culturais, históricos e naturais da localidade; o fato de se constituir em uma nova tendência de concretização da atividade turística. Já como pontos fracos destacam-se: desorganização dos autóctones enquanto Quilombolas e necessidade de implementação de acessibilidade local para deficientes físicos e de visão.

É relevante enfatizar, ainda, que os pontos fortes internos (forças) consistem em tudo que a localidade possui de qualidade positiva e que pode e deve ser utilizado para atrair maiores visitações, necessitando ser mantidos como forma de fidelizar a quem visita, e que o mesmo não tenha suas expectativas frustradas, seja porque visitou em outro momento e existia esta característica boa, quanto pelo *marketing*, conhecido popularmente como “boca-a-boca positivo”, através de informações passadas por pessoas que estiveram no local. Já levando em consideração os aspectos considerados fracos, internos (fraquezas), vale ressaltar que eles podem inviabilizar algumas práticas da atividade na comunidade em alguns momentos e que devem ser pensadas como alternativas de fidelizar os clientes enquanto turistas e visitantes (FARIAS, 2022; FARIAS; MACEDO; GALVÃO, 2020; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

O turismo é baseado na atração de pessoas para outro local específico, existindo, pois, um deslocamento, pelos mais variados motivos. Desta forma, destaca-se a relevância histórico-cultural da Comunidade Negros do Riacho, enquanto produto de um turismo cultural que deveria ser implementado como forma de atrair turistas e

servir, além de divulgação das tradições e forma de viver de seus integrantes, como indutor de desenvolvimento da comunidade, enquanto promotores de eventos, expositores de manifestações culturais, artesãos e artistas, bem como por promover vivências voltadas às novas experiências.

Contundentemente, constatou-se que a comunidade estudada, em muitos aspectos relacionados ao desenvolvimento humano, cultural e econômico, teve uma evolução com destaque para as condições das residências que - a princípio - eram de taipa, assim como melhoria da renda dos moradores em decorrência da produção e comercialização das peças feitas com barro, apesar de ainda prevalecer a renda advinda de aposentadorias e de programas governamentais.

Sendo fundamental, por conseguinte, que sejam planejadas ações de viabilização do turismo cultural em Currais Novos que possam estimular a realização do turismo na comunidade, a qual pode vir a ser considerado um produto turístico comercializável, embasado na preservação da memória individual e coletiva, da identidade de um povo e do espaço de convívio dos mesmos. Podendo, ainda, beneficiar os autóctones, através da geração de emprego e renda, desenvolvimento local e fazer surgir uma maior valorização e rememoração das tradições afro-brasileiras, fundamentalmente, ao que concerne às danças, formas de elaboração de artesanato, crenças e modo de viver enquanto remanescentes de quilombolas.

Assim, é basal ressaltar que, para desenvolver o potencial turístico existente na localidade mencionada, é preciso que algumas medidas sejam repensadas por parte das esferas municipal e estadual, pelas políticas privadas, pela Associação Comunitária existente e pelas pessoas que residem nela, com a intenção de beneficiar a quem visita e escolhe a comunidade como destino turístico e, principalmente, a quem ali mora.

Conclui-se, portanto, que o local tem potencial turístico que ainda poderá ser desenvolvido em parceria com os órgãos governamentais e a iniciativa privada, o que dificultaria a comercialização do lugar, não contribuindo para que se minimize ou se extinga os estereótipos criados sobre a cultura, crenças e costumes de comunidades quilombolas.

Deseja-se, por fim, que os integrantes da comunidade deixem de ser invisíveis e sujeitados, a fim de se tornarem sujeitos de sua própria história, sendo o turismo, então, um dos caminhos possíveis na transformação de realidades, de histórias e de vidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J.V. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, J. Turismo cultural – traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. *In*: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. **Turismo**: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.
- BAHL, M. **Legados étnicos & oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.
- BARRETTO, M. O Imprescindível Aporte das Ciências Sociais para o Planejamento e a Compreensão do Turismo. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 9, n. 20, 2003.
- BARTH, F. **Balinese Worlds**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. 12 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.
- BRASIL Decreto nº 6.040 de 07/02/2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em 12 jul. 2020.
- CARDOZO, P. F. Considerações preliminares sobre turismo étnico. **Revista Pasos**, v. 4, n. 2, 2006.
- CHAMBERS, E. **Native tours: the anthropology of travel and tourism**. Illinois: Waveland Press, 2000.
- DENCKER, A.F.M. **Pesquisa em turismo**: planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 1998.
- FARIAS, M. F. **Turismo, Benchmarking e Storytelling**: um estudo sobre capacidades para Gestão do Turismo nas comunidades quilombolas “Negros do Riacho” e “Boa Vista dos Negros” no Seridó Potiguar. 2022. 223f. Tese (Doutorado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, RN, 2022.
- FARIAS, M.F., COUTINHO, A.C.A.; FERREIRA, L.V.F. Louças de barro como patrimônio cultural: um estudo na Comunidade Quilombola Negros do Riacho - Currais Novos/RN. **TURyDES** - Revista de Investigación en Turismo y desarrollo local, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2019.
- FARIAS, M.F.; COUTINHO, A.C.A.; OLIVEIRA, A.F.B.; FERREIRA, L.V.F. Patrimônio cultural e produção de louças de barro: A Comunidade Quilombola Negros do Riacho

sob a ótica do **Storytelling**. In: ANPTUR 2019. **Anais da ANPTUR 2019**, Curitiba, 2019.

FARIAS, M. F.; COUTINHO, A. C. A.; OLIVEIRA, A. F. B.; FERREIRA, L. V. F. Patrimônio cultural em comunidade quilombola: o caso das louças de barro dos Negros do Riacho/RN. In: **XV ENTBL** - Encontro Nacional de Turismo com Base Local - Recife 2018: Anais. Recife: UFPE. Único: p. 419-441, 2018a.

FARIAS, M. F.; MACEDO, H. A. M.; GALVÃO, S. K. S. Turismo étnico em comunidades quilombolas: múltiplos olhares sobre a Comunidade Quilombola Negros do Riacho (Currais Novos/RN). In: MILITO, M. C.; FARIAS, M. F. F. MARQUES-JÚNIOR (org.). **O olhar do residente** [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN. 345p, 2020.

FARIAS, M.F.; MEDEIROS, J.L.; MEDEIROS, V.C.F.A.; OLIVEIRA, A.F.B. Turismo de Base Comunitária e Turismo Cultural: Um estudo sobre a potencialidade turística da Comunidade Quilombola Negros do Riacho no interior do Estado do Rio Grande do Norte (NE, Brasil). In: XV Seminário ANPTUR 2018. **Anais do XV Seminário ANPTUR 2018**, 2018b.

FARIAS, M.F.; COUTINHO, A.C.A.; OLIVEIRA, A.F.B.; ALEXANDRE, M.L.O. Potencialidades turísticas na Comunidade Quilombola Negros do Riacho/RN: uma discussão sobre turismo étnico e de base comunitária. In: **XV ENTBL** - Encontro Nacional de Turismo com Base Local - Recife 2018: Anais. Recife: UFPE, Único: p. 473-493, 2018c.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

FORTUNATO, R.A.; SILVA, L.S. **Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: o caso da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé (AM)**. 2017. Disponível em: http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano5-edicao2/artigo_6.pdf. Acesso em 12 jul. 2020.

GIL, A.C. **Delineamento da pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1989.

GRABURN, N.H.H. The Evolution of Tourist Arts. **Annals of Tourism Research**, v. 11, n. 1: p. 393-419, 1984.

GRÜNEWALD, R.A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20:p. 141-159, 2003.

GRÜNEWALD, R.A. Apresentando: Índios e negros na Serra do Umã. *In*: BACELAR, J.; CAROSO, C. (org.). **Brasil: um País de Negros?** Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999a.

GRÜNEWALD, R.A. Etnogênese e 'Regime de Índio' na Serra do Umã. *In*: OLIVEIRA, J.P. (org.). **A Viagem da Volta**. Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999b.

HANNERZ, U. The Global Ecumene. *In*: Cultural Complexity. **Studies in the Social Organization of Meaning**. New York: Columbia University Press, p. 217-267, 1992.

IRVING, M.D. Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitária: inovar é possível? *In*: BARTHOLO, R.; GRUBERSANSOLO, D.; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Nova Letra Gráfica e Editora, 2009.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2006.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MACEDO, H.A.M. Reflexões sobre a questão indígena no Seridó: entre a história e o patrimônio cultural. **Revista Espacialidades** [online]. 7(1), 2014.

MOWFORTH, M.; MUNT, I. **Tourism and sustainability: development and new tourism in the third world**. 2 ed. Londres: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, H.R.; RICCO, A.S. Turismo e desenvolvimento sustentável de base local: um estudo de caso na comunidade da Ilha das Caieiras. **Destarte**, v. 3, v. 1, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003. 168p.

QUEIROZ, M.M.A. **Turismo de raízes na Bahia: Um estudo sobre a dinâmica do Turismo Étnico (Afro) na Bahia: os casos do Pelourinho/Salvador e da Festa da Boa Morte/Cachoeira**. 2008. Disponível em: http://afro-latinos.palmares.gov.br/temp/sites/000/6/pdf/Dissertacao_Turismo_de_Raizes_na_Bahia_Mercia_Queiroz.pdf. Acesso em 12 jul. 2020.

RAMOS, B. **História de Barreirinhas: portal dos Lençóis Maranhenses**. Fort: São Luís, 2008.

REIS, A.C.F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007.

RODRIGUES, M. C. A. **Saberes e práticas em experiência de construção da sustentabilidade no meio rural nordestino.** Tese de doutorado. Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

RODRIGUÉZ, J.M.M. Desenvolvimento Sustentável: níveis conceituais e modelos. *In*: CAVALCANTI, A.P.B. (org.). **Desenvolvimento Sustentável e planejamento: bases teóricas e conceituais.** Fortaleza: UFC - Imprensa Universitária, 1997.

SALGADO, H.C.; SANTOS, R.J. **Turismo étnico em comunidades tradicionais quilombolas: espaços de existência, desinvisibilização e o fetiche das identidades no tempo das novas economias.** 2012. Disponível em: <http://www.congressods.com.br/terceiro/index.php/a-economia-social-e-solidaria-para-que-desenvolvimento/159-turismo-etnico-em-comunidades-tradicionais-quilombolas-espacos-de-existencia-desinvisibilizacao-e-o-fetiche-das-identifades-no-tempo-das-novas-economias->. Acesso em 12 jul. 2020.

SAMPAIO, C. A.; HENRÍQUEZ, C.; MANSUR, C. Perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. *In*: SAMPAIO, C. A.; HENRÍQUEZ, C.; MANSUR, C. (org.). **Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática.** Blumenau: Edifurb, p. 23-30, 2011.

SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. Turismo de Base Comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. *In*: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 142-161, 2009.

SANTANA-TALAVERA, A. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 19: p. 31-58, 2003.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, R.E.; CARVALHO, K.D. Turismo Étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). **Turismo & Sociedade.** Curitiba, v. 3, n. 2: p. 203-219, 2010.

SMITH, V. **Anfitriones e invitados: antropologia del turismo.** Madrid: Endymion, 1989.

SOUSA, R.L.A.S.; ALVES, J.C.; FARIAS, M.F. Em busca de um lugar diferente: usos e possibilidades da do turismo étnico na comunidade Negros do Riacho em Currais Novos (RN). **Revista Querubim**, v. E, n. 1: p. 86-102, 2015.

SOUZA-NETO, G. F.; BARBOSA, L. M.; MENDES, E. G. **A Modernização do Litoral Cearense e as Comunidades Pesqueiras: O Caso de Tatajuba, Camocim/CE.** 2008.

Disponível em: <http://www.sits2008.org.br/oktiva.net/1893/nota/106773>. Acesso em: 07 jul. 2022.

STRAUSS, A. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENÓRIO, F.G. (org.). **Cidadania e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Ed. Ijuí, 2007.

VEAL, A.K. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? *In*: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

TS

